



Como morre um capitão (II)

Crónica A Guerra Colonial tornou os nossos pais, que nela participaram, cúmplices involuntários do colonialismo. O colonialismo colonizou-os. Mas eram, afinal, apenas homens a tomarem decisões banais que ditavam a vida ou a morte no minuto seguinte

Por Paulo Faria

PAULO FARIA



Um dos primeiros veteranos com quem falei ao chegar ao restaurante, um branco, depois de ver as fotografias do Artur e da mãe dele, a Cristina, uma prostituta do Chicôco, tiradas pelo furriel Gamito há tantos anos, disse-me:

“Não, não reconheço nem a mãe nem o filho. Mas olhe, tem de ver a diferença de tratamento das Cristinas entre os tipos que iam aqui do continente e a malta de lá, como nós. Os tipos que iam daqui tinham saído do quarto escuro. Portugal, naquele tempo, era um quarto escuro, quer se queira, quer não. Então eles chegavam lá, sentiam aquela liberdade toda e ficavam maravilhados. Quando falavam das Cristinas, diziam que eram as ‘namoradas’ deles. Para nós, era ir às putas, era mesmo assim. E eles olhavam para os miúdos negros e achavam-lhes imensa graça, mandavam fazer-lhes uniformes em miniatura, como esse aí das fotografias. Para nós era a coisa mais normal do mundo, estávamos habituados a ver pretinhos desde garotos. Para nós, um miúdo negro como esses era mais um, igual aos outros todos.”

Mais tarde, outros veteranos da companhia que ouviram esta conversa pedem-me desculpa pelas palavras do camarada. Acham que, ao falar assim, ele fez má figura. Temem que eu fique com uma má imagem de todos eles. Mas, de um modo mais ameno, com menos rebarbas, chovem as histórias escabrosas, os pormenores sujos. Um homem chamado Tomás diz-me:

“Acredito que, depois do 25 de Abril, depois de a tropa sair de lá, as populações tenham passado dificuldades. Aquilo era população deslocada, que tinha sido trazida para junto dos aquartelamentos. No Chicôco e em Necoleze era assim. Quase não havia agricultura. Alguns tinham um talhãozinho junto à cubata, mas, na prática, quem os alimentava era a tropa.

Os homens viviam de biscates. Sei lá, por exemplo, eu, que era atirador, quando saía numa operação, só carregava a minha G-3. Levava comigo um rapaz de 18 ou 19 anos, um negro da aldeia, para me carregar a mochila, e a companhia pagava-lhe vinte escudos.

As mulheres viviam da prostituição. Um tipo ia lá, dava uns dez ou vinte escudos e dormia com uma preta. Se pagasse uns cinquenta ou cem escudos, dava para ficar com ela para si um mês inteiro. E era assim que aquela gente ganhava dinheiro para as suas necessidades.”

Olham com atenção para as fotografias do pequeno Artur, da Cristina, mas não se acende nos rostos deles nenhuma luz de reconhecimento. Parecem tristes por não me poderem ajudar. Não vale a pena eu telefonar ao furriel Gamito, não tenho novas do Artur para lhe dar.

No fim do discurso do capitão, os homens fazem um minuto de silêncio pelos membros da companhia que já partiram. Falam-me dos mortos, sempre. Falam-me do convívio com a morte, das vezes em que a morte lhes acenou e não responderam à chamada. Aurélio conta:

“Uma das datas que me ficaram na memória foi o dia 30 de Abril de 1972. Íamos três numa Berliet, numa coluna de Necoleze para norte, para Muítica. Ia o Mateus, que era preto, ia eu e ia outro furriel, o Ferraz. O

“

Não sou religioso, mas acho que, às vezes, Deus vela por nós. Não sei porquê, não me pergunte, mas não subi para a Berliet
Aurélio

Mateus ia sentado, a conduzir, e nós íamos os dois em pé. Tirava-se os bancos, só não se tirava o do condutor, esse não tinha hipótese, e íamos agarrados ao vidro da frente, de pé em cima de uns sacos de areia, para o caso de haver uma mina. A picada fazia uma descida, havia uma ponte lá em baixo, depois a picada tornava a subir do outro lado, era um caminho péssimo para se passar. A nossa Berliet ia à cabeça da coluna, parámos no alto da descida, descemos a pé os três e fomos ver como estava aquilo. Ia ser muito complicado passar ali, era preciso dar um jeito na ponte. Vieram fulanos mais experientes, cada um deu o seu palpite. Era mesmo assim. ‘Ó não-sei-quantos, deita aquela árvore abaixo!’ E reforçou-se a ponte. Quando ficou pronta, voltámos para a Berliet. Subiu o Mateus, subiu o Ferraz. Eu não subi.

Não sou religioso, mas acho que, às vezes, Deus vela por nós. Não sei porquê, não me pergunte, mas não subi para a Berliet, fiquei na picada, a ver o camião passar para o outro lado. Ficou montes de gente a ver como é que aquilo ia correr, e eu fiquei também. Pensei que depois ia atrás e subia, foi essa a minha ideia. Inclusive, deixei a G-3 na viatura.

A Berliet atravessou a ponte e, quando começou a subir do outro lado, mesmo à saída da ponte, bum!, estoirou uma mina. O Ferraz ficou com um corte na cabeça, partiu um braço. O Mateus ficou entalado atrás do volante, mas olhava-se para ele e a única coisa que se via era o pé direito, o do acelerador, cortado, com um lanho. O pedal do acelerador cortou-lhe o pé. Mas não saía sangue nenhum, era só o corte. O pé aberto quase em dois, pela parte de baixo. Deve ter morrido com lesões internas por causa da explosão. Mas não morreu logo, ainda aguentou umas quantas horas. Já era tarde, perto das cinco, não havia evacuações depois de escurecer, não dava para o helicóptero chegar a tempo. Acampámos a uns 50 metros da picada, já não saímos dali, até porque aquele era um bom lugar para a evacuação, e não sabíamos se ele ia aguentar até à manhã seguinte. Havia uma grande clareira antes da ponte, tínhamos boa visibilidade. Não era fácil fazerem-nos uma emboscada ali, razão pela qual,

possivelmente, eles não a fizeram. Normalmente, depois de rebentar uma mina, havia uma emboscada, mas ali não houve. Os dois enfermeiros do nosso pelotão estiveram de roda do Mateus, mas não conseguiram safá-lo. Morreu junto de nós na clareira, durante a noite.”

Passaporte para a vida

Todas as mortes na guerra são estúpidas e cruéis, mas há guerras mais estúpidas e cruéis do que outras. Eduardo Lourenço escreveu que “a maior miséria do colonialismo é que ele coloniza os colonizadores”. A nossa Guerra Colonial tornou os nossos pais, que nela participaram, cúmplices involuntários do colonialismo. O colonialismo colonizou-os assim. Mas eram, afinal, apenas homens, homens como nós, despidos e indefesos, a tomarem decisões banais que ditavam a vida ou a morte no minuto seguinte. É isto que procuro nas histórias da guerra, nas histórias da morte. Homens despidos, sem colonialismo. Porque a morte descoloniza tudo, descoloniza-nos a todos. Vassili Grossman escreveu: “Condena o pecado e perdoa ao pecador.” É tão difícil, isto. Dostoievski foi mais longe, talvez: “Amái o homem também no seu pecado.” E isto é mais difícil ainda.

Os homens faziam-se desentendidos, recusavam a vertigem da morte. A morte é uma coisa muito séria, pensar demasiado nela é insuportável para quem está vivo. Pensar demasiado na morte é morrer antecipadamente. Ainda Aurélio: “Julga que, depois daquele dia, eu comecei a tomar alguma precaução especial ao passar no tal lugar, quando atravessava a ponte? Nada disso, era sempre a acelerar, para chegar o mais depressa possível ao quartel. Havia muita irresponsabilidade, muita irreverência. Falo por mim. Só depois de acabar a tropa é que soube que, nessa mesma picada Necoleze-Muítica, uma Berliet accionou uma mina de fósforo.”

Jorge intervém, sempre sereno: “Eu estava em Necoleze nessa altura, assisti. Essas minas, quando explodem, queimam tudo 20 metros em redor. Uma Berliet onde iam sete homens accionou uma dessas. Morreram todos menos um. Foi mesmo à saída do quartel, a uns 500 metros. Um deles veio a correr, todo a arder, desde o local da explosão até ao quartel, e morreu ali, ao pé de nós. Pelo caminho foi pegando fogo ao mato das bermas, o fogo espalhou-se, o aldeamento por pouco não ardeu todo. Vi a bola de fogo lá ao fundo e depois a chama do gajo a subir por ali acima. Quando chegou à porta de armas do quartel, enroscou-se no chão e não se mexeu mais. Só se safou um gajo que ia de calções, em tronco nu, não tinha roupa para arder. Ficou sem pestanas, sem cabelo, sem pêlos, a pele toda tostada, mas safou-se. As chamas não tinham a que se agarrar.”

Acordar atrasado, sair a correr da camarata, sob os berros e insultos do oficial de dia, alvo da risota dos colegas, subir para a camioneta quase despido, às três pancadas, mandar o oficial para o caralho entre dentes – podia ser este o passaporte para a vida. Noutro dia, podia ser o bilhete para a morte. E esta lotaria estúpida, sem heroísmo nem grandeza, cola-se para todo o sempre a quem a jogou e confere-lhe uma estranha gravidade.

Janeiro de 2024

Bum!

“A Berliet atravessou a ponte e, quando começou a subir do outro lado, mesmo à saída da ponte, bum!, estoirou uma mina.” Em cima, a caminho de Cuamba